

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO UMA AMEAÇA À DEMOCRACIA: UMA CRÍTICA A TECNOCRACIA DAS BIG TECHS

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A THREAT TO DEMOCRACY: A CRITIQUE OF THE TECHNOCRACY OF BIG TECH

LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO AMENAZA A LA DEMOCRACIA: UNA CRÍTICA A LA TECNOCRACIA DE LAS GRANDES TECNOLÓGICAS



10.56238/revgeov17n3-115

Alex Cruz Brasil

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Católica de Brasília

E-mail: alexcruzbrasil@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar os processos históricos e político-econômicos que levaram ao desenvolvimento da Inteligência Artificial e de um capitalismo de vigilância e suas inter-relações com a democracia. Se analisa os processos históricos que levaram a criação das redes sociais e da extração de dados para controle social e lucro partir de uma perspectiva materialista-dialética. Aborda-se a hegemonia das Big Techs e a união das Big Techs com a extrema direita e como elas interferem na democracia e nas nações em desenvolvimento. O estudo é qualitativo e exploratório com uma visão crítica e uma revisão bibliográfica de livros e artigos científicos sobre o tema. Como conclusão, se discute que o uso de IAs e o poder das Big Techs conseguem interferir na democracia e na soberania dos países.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Democracia. Tecnocracia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the historical and political-economic processes that led to the development of Artificial Intelligence and surveillance capitalism, and their interrelations with democracy. It analyzes the historical processes that led to the creation of social networks and the extraction of data for social control and profit from a materialist-dialectical perspective. It addresses the hegemony of Big Tech and its alliance with the far right, and how these factors interfere with democracy and developing nations. The study is qualitative and exploratory, employing a critical perspective and a bibliographic review of books and scientific articles on the subject. In conclusion, it argues that the use of AI and the power of Big Tech can interfere with democracy and the sovereignty of countries.

Keywords: Artificial Intelligence. Democracy. Technocracy.

RESUMEN

Este artículo busca analizar los procesos históricos y político-económicos que condujeron al desarrollo de la Inteligencia Artificial y el capitalismo de vigilancia, así como sus interrelaciones con la democracia. Analiza los procesos históricos que condujeron a la creación de redes sociales y a la



extracción de datos para el control social y el lucro desde una perspectiva materialista-dialéctica. Aborda la hegemonía de las grandes tecnológicas y su alianza con la extrema derecha, y cómo estos factores interfieren con la democracia y los países en desarrollo. El estudio es cualitativo y exploratorio, empleando una perspectiva crítica y una revisión bibliográfica de libros y artículos científicos sobre el tema. En conclusión, argumenta que el uso de la IA y el poder de las grandes tecnológicas pueden interferir con la democracia y la soberanía de los países.

Palabras clave: Inteligencia Artificial. Democracia. Tecnocracia.



1 INTRODUÇÃO

O escritor George Orwell (2021) em sua obra distópica, 1984, relatou sobre uma sociedade marcada pelo totalitarismo e pela manipulação da realidade, nele um Ministério da Verdade controlava, armazenava e adulterava as informações de todos. Havia um líder, o grande irmão, do partido no poder que tinha três lemas: guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força.

O protagonista Winston Smith, uma espécie de censor que reescreve a verdade, vive vigiado por toda parte. Em seu apartamento, existe um aparelho chamado de “teletela” que não pode ser desligado e traz informações e também capta tudo que acontece a sua volta. Conforme narra Orwell (2021):

A teletela recebia e transmitia simultaneamente. qualquer barulho que Wilson fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica, seria visto e também ouvido. Obviamente, não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com que frequência, ou por qual sistema, pois a Polícia do Pensamento se conectava a um cabo específico. Era provável que eles observassem todas as pessoas o tempo todo, já que poderiam se conectar a seu cabo quando quisessem. Orwell (2024, p. 10-11).

George Orwell nunca poderia imaginar que, em pouco mais de meio século, o grande irmão era apenas um esboço do que as grandes corporações do vale do silício iriam poder fazer com os indivíduos, com o incomensurável poder de vigilância, manipulação por plataformas de tecnologia, controle por meio de extração de dados, uso de algoritmos, e, principalmente, inteligência artificial. De acordo com Morozov (2018) e Zuboff (2020), atualmente, quase todas as expressões do cotidiano, das experiências humanas são perpassadas por plataformas de tecnologia. Conforme Han (2021, p. 53): “no lugar do Big Brother, aparece o Big Data. O registro total e ininterrupto da vida realiza e executa a sociedade da transparência. Ela se assemelha ao panóptico digital.”

Para Han (2023) os *Big Data* não são apenas o Grande Irmão, Big Brother, mas uma nova forma de modelo que escalona os lucros:

Antes de tudo, os *big data* são um grande negócio: os dados pessoais são completamente monetarizados e comercializados. Hoje, as pessoas são tratadas e comercializadas como pacotes de dados que podem ser explorados economicamente. Assim, elas próprias se tornam mercadoria. *Big Brother* e *big deal* se aliam. O Estado de monitoramento e o mercado se tornam um. A empresa estadunidense de análise dos *big data* Acxiom comercializa os dados pessoais de cerca de 300 milhões de cidadãos norte-americanos, ou seja, de quase todos os cidadãos. Han (2023, p.75).

Han (2024) explica que o regime de informação atual é a forma de dominação em que informações e sua operacionalização por algoritmos e inteligência artificial decidem os processos sociais, econômicos e políticos. Segundo Han (2024, p.7): “O regime de informação está acoplado ao capitalismo de informação, que se desenvolve em capitalismo de vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em animais de consumo e dados.”



Para Zuboff (2020), existe um capitalismo de vigilância, uma metamorfose do capitalismo de informação, que manipulado pelas Big Techs (grandes corporações de tecnologia como, por exemplo, a Amazon, Apple, Microsoft, Alphabet (Google), NVIDIA, TSMC, Broadcom, Tesla e Visa) usam as tecnologias da informação e comunicação (TICs) para expropriar a experiência humana, tornada mercadoria a ser processada e comercializada em dados comportamentais que alimentaram os órgãos governamentais imperialistas e grupos de poder transnacionais.

Faustino e Lipoldd (2023) dissertam que se vive hoje uma dominação por meio da dataficação e digitalização, cuja ação anula as tecnodiversidades e as possibilidades de os povos criarem e desenvolverem seus aparatos tecnológicos:

Mulheres, negros, povos originários são orientados a se contentar com a condição de usuários das soluções criadas pelas big techs. O colonialismo dissemina que o único modo de criar tecnologias é esse que nos subordina e nos modula. Afinal, as plataformas digitais alegam buscar apenas e tão somente a melhora de nossa experiência. Para tal, extraem constantemente nossos dados a fim de realizar predições, a ponto de não precisarmos mais querer, uma vez que os algoritmos que aprendem com os dados de comportamento poderão predizer nossas vontades. Faustino e Lipoldd (2023, p. 18).

Desta forma, Castells (2013) explica que o modo de produção capitalista sofreu uma reestruturação em que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) emularam os elementos centrais da experiência humana para um espaço imaterial, um ciberespaço. Essa nova configuração social agora transposta em um universo das redes gestou uma cibercultura, como espaço em que os segmentos da sociedade se entrelaçam em redes como um novo padrão de organização social. Este novo paradigma estabelece mudanças dos processos produtivos, do poder, cultura e das vivências humanas com a realidade e o mundo virtual, impactando diretamente nas relações sociais e econômicas.

O presente estudo pretende questionar se o uso da Inteligência Artificial - IA, ferramenta de inovação tecnológica e seus recursos (como os algoritmos de *machine learning*), influencia na política, ameaçando o estado democrático de direito. O objetivo é analisar o uso político e econômico da Inteligência Artificial e suas interferências na democracia, com o intuito de estabelecer relações com os grupos de poder que detém o controle de sua *tekhnē* (habilidade) e do seu *logos* (razão). Sendo eminente a discussão na sociedade para se garantir a defesa da democracia e da livre participação social, já que a IA serve como uma geradora de dados para corporações que controlam essa tecnologia para a exploração do trabalho e do consumo.

Para tanto, se faz uma pergunta inquietante: a inteligência artificial é uma ameaça à democracia? Para se tentar responder essa pergunta se analisa as suas condicionantes criadoras e que determinam as dinâmicas que são conduzidas as tecnologias de Inteligência Artificial, suas finalidades e consequências nas sociedades hoje. O que ou quem está por trás de todos esses cliques, plataformas



e vida cibernética.

A controvérsia é que as benesses do advento das novas tecnologias são sobrestadas pelas dinâmicas em que operam e as mãos criadoras que a controlam, sob motes velados aos seus destinatários, agora reduzidos a meros “usuários” da cadeia produtiva.

A pesquisa segue o viés materialista histórico-dialético como movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida em sociedade. Conforme Florestan Fernandes (1980, p. 118): “O materialismo dialético constitui uma fusão do modo de pensar dialético com a investigação exata da natureza e da história”. E, ainda, Netto (2011, p. 18) explica que a crítica do conhecimento acumulado em Marx consiste: “em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais”.

Por fim, se conclui que há uma fantasia que cobre essas novas relações de produção e de trabalho, e que não mostram as reproduções sociais excludentes que mantém em seus empreendimentos digitais. As divisões de gênero, raça e classe se mantém constantes nos algorítmicos e IAs mesmo sendo componentes cibernéticos, são fruto de criações humanas eivadas de sentido, ingerências políticas e interesses econômicos com impactos no mundo concreto.

A realidade mostra que a operação programada de IA nas plataformas digitais têm uma influência na política dos países o que tem provocado o crescimento da precarização dos trabalhadores e da extrema direita.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DAS ORIGENS DAS IAS A SUA SANHA DE PODER: A HEGEMONIA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

No processo histórico dos últimos três séculos, o uso da tecnologia e de inovações dos meios de produção foram apropriados por uma classe hegemônica e sua influência na cultura humana acabaram por favorecer a concentração de poder e a exploração dos trabalhadores. As mudanças tecnológicas, sociais e políticas dos séculos XVIII e XIX que gerariam paz, liberdade e prosperidade a todos se esvaiu numa era de colonialismo, genocídio e guerras. No século XX o mundo estava repleto de tecnologias revolucionárias em avanço constante, que encurtou o tempo e as distâncias, mas que acabou não em um progresso idílico e sim no século mais assassino, com fomes e genocídios sistemáticos (Hobsbawn, 1995).

A classe hegemônica burguesa transverteu as mudanças revolucionárias industriais, a democracia como forma de governo e as liberdades individuais, como interpreta Marx e Engels (2020, p. 46), a burguesia: “Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas”. Se no capitalismo industrial a tecnologia que revolucionou novas formas



de produção e descobertas científicas de uma forma geral foi capturada por uma razão instrumental, infere-se que as novas ferramentas de Inteligência Artificial, com usos de *machine learning*, algoritmos, representem consequências semelhantes, ambas não representam transformações nos alicerces da luta de classes ou da hegemonia burguesa.

A transformação da sociedade de informação industrial para a economia informacional envolve uma mudança na qualidade e na natureza do trabalho. Conforme Hardt e Negri (2001, p. 310): “Esta é a implicação sociológica e antropológica mais imediata da transição de paradigmas econômicos. Hoje a informação e a comunicação desempenham um papel fundamental nos processos de produção. “

Além de uma lógica de mercado com bojo na maximização do lucro, há uma hierarquização entre países desenvolvidos que geralmente desenvolvem essas tecnologias e países periféricos que as consomem, sendo dependentes de seus produtos sem produção dessas inovações. Como observa Sanfelice (2008, p. 71):

A ciência e a tecnologia passaram a dar condições aos Estados desenvolvidos de globalizarem a economia, interferindo diretamente no mecanismo econômico dos Estados Periféricos, que foram alterando de forma substancial seu cotidiano "nacional", para se adaptarem as demandas dos mandatários do globo. E a verdadeira face das novas (tecnologias transferidas para o mundo da produção foi, gradativamente, sinalizando que os seres humanos, nos novos tempos do final do século XX, só eram essenciais num aspecto: compradores de bens e serviços.

Morozov (2021) e Faustino e Lipoldd (2023) defendem que esse novo tipo de apropriação da vida humana (por meio da captura em massa, e de todo tipo de dados) fazem parte de uma infraestrutura de conexões informacionais que dão poder financeiro e político a grandes corporações do vale do silício (Big Techs) representadas pelo norte global, e que, exercem um colonialismo de dados, diferente do séculos anteriores, mas com as mesmas práticas predatórias com a extração/mineração de dados por métodos computacionais e uso de IAs. A dependência e subordinação de países do sul global impede uma soberania digital e o desenvolvimento de tecnologias próprias.

Segundo Harasin (2015, p.31) a inteligência artificial é “uma área da Ciência da Computação que busca fazer os computadores pensarem e se comportarem como seres humanos. O termo foi cunhado em 1956 por John McCarthy no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).” As IAs são ferramentas das grandes plataformas digitais que realizam processos de ciência computacional e algoritmos estatísticos capazes de simular e amplificar simulacros da inteligência humana, também significam um aporte de inovações tecnológicas já existentes.

Materlart (2002) relata que em 1936, um mecanismo de “cérebro eletrônico” é estudado pelo matemático britânico, considerado um pioneiro na Ciência da Computação, Alan Turing (1912-1954). Posteriormente, o pré-projeto de IA tem uma origem científica baseada em espionagem e contraespionagem, pois em 1939 Alan Turing é recrutado pelo *Intelligence Service* para trabalhar no Projeto Ultra e decifra o código “Enigma” de criptografia utilizado pelos nazistas na 2ª Grande Guerra



Mundial. O chamado Projeto Ultra foi responsável pelo salvamento de milhares de vidas por desvendar as ordens de ataque das tropas da Wehrmacht, Hasting (2012).

Quando os fornos dos campos de extermínio esfriaram, no silêncio da artilharia e das mortais metralhadoras, as baionetas balbuciaram o final da 2ª Grande Guerra Mundial, porém as pesquisas secretas de desenvolvimento das TICs foram mantidas e aprimoradas com aporte de milhões de dólares numa doutrina de enfrentamento ao novo inimigo: os comunistas. Materlart (2002, p. 63) elucida:

A doutrina da “guerra limitada”, resposta ao desencadeamento da guerra de guerrilhas nos países do terceiro mundo, determina outras necessidades, comandadas pelas estratégias ditas contra-insurrecionais. No plano da inovação técnica, a ênfase é posta no desenvolvimento de novos dispositivos de vigilância, de sensores, de alarmes de infiltração, de radiocomunicação, de computadores, de ligações regionais via satélite. Em suma, assistimos à emergência das microtecnologias do electronic battlefield. Materlart (2002, p. 63).

A historicidade das TICs não pode nos olvidar de que a gênese dessas tecnologias teve um nascedouro bélico-militar, num contexto da Guerra Fria, Materlart (2002) conta que as primeiras pesquisas, investimentos e recrutamento de cientistas tinha um objetivo militar de desenvolver novos campos da ideologia de segurança nacional norte-americana calcada na disputa armamentista-tecnológica com União das Repúblicas Soviéticas -URSS, que havia lançado o Sputnik em 1957, pegando de surpresa o governo dos EUA apresentando superioridade tecnológica à época.

Assim como resposta, segundo Materlart (2002), o DARPA (*Defense Advance Research Project Agency*) e a NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) foram inaugurados em 1958, foram uma das primeiras iniciativas seguidas da ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*), a ancestral da internet em 1969. As tecnologias da informação já detinham um caráter de vigilância-controle gestadas pela sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos - USDOD, o Pentágono, maior edifício do mundo reservado a inteligência estratégica e a espionagem.

Os debates sobre IA decorrem após a metade do século XIX, conforme Rodrigues e Rodrigues (2024); Boulay (2023); ora eivadas por uma hiperbólica positividade redentora da humanidade, de solução para os problemas estruturais da sociedade e de liberdade dos indivíduos; ora por uma visão temível que inspirou filmes apocalípticos em que as máquinas se voltariam contra os seres humanos.

Para além dessas análises, se faz uma abordagem crítica que o atual estado do uso das IAs vem representando uma nova forma de controle social e maximização de poder capitalista, já que, sua operação está restrita a poucas corporações, as Big Techs (Apple, Amazon, Microsoft, Alphabet (Google) e Meta). Segundo o relatório da BRAND FINANCE (2025) que calcula o valor de mercado das 500 maiores empresas do mundo, o patrimônio das Big Techs ultrapassa 10 trilhões de dólares, o que é maior do que o Produto Interno Bruto de todos os países da América do Sul (4,04 trilhões de



dólares) e da África (2,74 trilhões de dólares) juntos¹. Devido a esse poderio de capital acumulado pelas Big Techs, os governos não conseguem regular suas ações, nem impedir a interferência nas políticas internas dos seus países.

Para Zuboff (2019) o capitalismo industrial transformava as matérias-primas da natureza em mercadorias, já o capitalismo de vigilância utiliza como material a própria natureza humana para a produção de uma mercadoria nova. No capitalismo de vigilância, é a natureza humana que é explorada, extraída e tomada para o projeto de mercado de um novo século.

Zuboff (2019) ainda especifica que depois dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, houve uma espécie de “estado de exceção” para legitimar um novo imperativo de vigilância aos cidadãos norte-americanos e estrangeiros, inclusive autoridades como a presidenta Dilma foi espionada em 2015 pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) desde 2011, como revelado pelo jornalista Julian Assange no *site* Wikileaks. Fitzgerald (2021).

Em 2003, o Alphabet (Google) também começou a customizar seu mecanismo de busca sob um contrato especial com a CIA (Central Intelligence Agency) para fornecer informações de pessoas consideradas “sensíveis” às agências de inteligência Zuboff (2019), da mesma forma, a empresa possui agora depósitos de superávit comportamental que abarcam tudo que faz parte do meio *on-line*: buscas, e-mails, textos, fotos, canções, mensagens, vídeos, localizações, padrões de comunicação, atitudes, preferências, interesses, rostos, emoções, doenças, redes sociais, compras e assim por diante, fornecendo um poder infinito à plataforma.

Na estratégia de se evitar confrontos diretos, de contato, Korybko (2018) detalha que os EUA vão utilizar a denominada Guerra Híbrida, como forma de tática político militar para substituir governos não alinhados à sua política, como ocorreu no mundo Árabe e na América Latina, a partir de 2010.

Korybko (2018) apresenta alguns conceitos relevantes da Guerra Híbrida, como: as guerras de quarta geração, que seriam mais fluidas, descentralizadas e assimétricas do que as guerras do passado. Várias são as estratégias para desestabilizar governos, como a dos “Cinco Anéis” como centros de gravidade que mantêm uma força adversária unida, começam pelo centro: a liderança, as bases do sistema, a infraestrutura, a população e as forças armadas em campo; neles o ataque deve procurar atingir os anéis centrais para desestabilizar o sistema, já que os anéis estão interconectados. Na “Abordagem Indireta” o ataque é por métodos inesperados e indiretos. Outra é o “Ciclo OODA” (Observar a situação, Orientar-se, Decidir, e então, Agir); e, por último; a “Teoria do Caos” como uma dinâmica não linear de ataque com as variáveis formato inicial do sistema, estrutura subjacente do sistema, coesão entre os autores e energia de conflito dos atores individuais, aqui se faz uma analogia

¹ TRADING ECONOMIC. <https://pt.tradingeconomics.com/country-list/gdp> : disponível em <<https://pt.tradingeconomics.com/country-list/gdp>> acessado no dia 8 de março de 2025.



de um vírus a se espalhar em um *software* (país ou sociedade) como uma ideologia a se espalhar nos indivíduos causando uma “epidemia política”.

Para Korybko (2018) a estratégia das Guerras Híbridas são o uso de Organizações não Governamentais, *Think Thanks* e, principalmente, as redes sociais com a conivência e suporte das Big Techs. Na guerra híbrida se utiliza o método chamado “Inteligência de Enxame”, que é utilizada para descrever a inteligência artificial operando para atacar nas chamadas operações de informação e guerras eletrônicas segundo o autor:

as redes, organizadas e ativamente mobilizadas por meios tecnológicos, podem evoluir para células de enxame que desestabilizam a sociedade com vistas a derrubar governos alvo. Isso faz de suas táticas indiretas e caóticas, minando o ciclo OODA das autoridades e dando a iniciativa estratégica de bandeja para os enxames ofensivos. Hoje em dia, o Google Maps, You Tube, Facebook e Twitter são partes integrantes do “arsenal” que os guerreiros híbridos empunham. Korybko (2018, p.61-62).

Conforme Zuboff (2019) o capitalismo de vigilância das plataformas é correspondente ao controle de dados pessoais de usuários das grandes Big Techs, que exploram tais dados para fins mercadológicos como uma mineração de dados, expropriando as informações pelo aceite dos termos de uso do usuário.

Tais informações compõem um aglomerado de escolhas comportamentais que são utilizados para influenciar esses comportamentos em várias esferas da vida privada de seus usuários. Assim, fornecendo um superpoder de influenciar escolhas políticas à mercê dos interesses dos integrantes desse seleto grupo hegemônico no poder.

Zuboff (2019) faz uma analogia de que o Google é para o capitalismo de vigilância atual, o que a Ford Motor Company e a General Motors foram para o capitalismo gerencial com base na produção em massa da era industrial. O panóptico fabril é substituído pela força centrífuga das técnicas digitais, o telefone móvel agora explora a liberdade que agora se confunde com a dominação, eis de novo o sintagma do grande irmão de Orwell (2021): “liberdade é escravidão”.

Conforme Han (2022), a sociedade industrial era dominada pelo poder disciplinar. Atualmente, a sociedade está sob o poder da informação, cuja forma de dominação são as informações e seu processamento por algoritmos e IA, processo que se nomeia de Infocracia. O racionalismo digital transverte o aprendizado pelo *machine learning* e, segundo Han (2022, p. 66), “A inteligência artificial não fundamenta, mas calcula. Em vez de argumentos, surgem algoritmos. Argumentos podem ser aprimorados no processo do discursivo. Algoritmos, por sua vez, são otimizados continuamente num processo maquinal”. Autores como Zuboff (2019), Han (2022) e Morozov (2018) também tecem críticas ao uso da IA e suas imbricações com a democracia e liberdades dos seus usuários.

Morozov (2018) tece análises sobre a ascensão do poder dos dados e da suposta morte da política, e aponta que quem domina a tecnologia mais avançada domina o mundo, numa referência ao



Vale do Silício (região da Baía de São Francisco, EUA, onde estão situadas as principais empresas de alta tecnologia) como representante das empresas de tecnologia atuais, que nas últimas décadas tiveram uma expansão surpreendente, acima das regulações nacionais.

Elas representam, segundo Morozov (2018, p. 19), “o triunfo da ideologia neoliberal subsequente à Guerra Fria que suprimiu com êxito os aspectos não econômicos da nossa existência social, fazendo com que a identidade de consumidor sobrepujasse a de cidadão”.

A política que coloca a IA no centro de suas operações nos promete perfeição e racionalidade. Ao fazer isso, contudo, ela aplaina a imensa complexidade das relações humanas, simplificando narrativas complexas em regras algorítmicas concisas e explicações monocasuais (Morozov, 2018).

A complexidade dos grupos sociais hegemônicos e subalternos, as novas tecnologias (internet, redes sociais e a inteligência artificial) e os fenômenos de um mundo virtual não romperam com as estruturas de exploração e de dominação que se tinha no século passado, pelo contrário, as novas configurações de poder continuam agindo com uma remodelação de um “capitalismo de vigilância” mais inteligente que tempos atrás, exasperando a exploração dos trabalhadores por meio das plataformas e acumulando capital por meio da expropriação de dados.

2.2 UM MATRIMÔNIO CONSERVADOR PERFEITO: AS BIG TECHS E A EXTREMA DIREITA

Na igreja da tecnocracia, um conúbio se fez majestoso com honras, o padre estatal, ungido nas agências de espionagem fez as glórias, os padrinhos do capital financeiro trouxeram as alianças e a festa rendeu trilhões de dólares. Os convidados cativos deram seus dados e se regozijaram com a festa.

Atualmente, um espectro político de ascensão da extrema direita ecoa pelas nações democráticas, depois de duas guerras mundiais com experiências totalitárias, parte do globo assiste o retorno de ideias conservadoras e neoliberais como forma de resolver as crises capitalistas que se apresentam às nações. Mulhall (2022) relata que os movimentos de cunho fascista, de ódio e racistas, não foram derrotados, apenas estavam submersos como força política.

Com o advento das redes sociais, crises econômicas e fiscais dos estados; esses grupos têm ganhado adeptos e crescido nas bancadas dos parlamentos em países com uma democracia antes pujante, em uma fragilizada, de instituições anteriormente fortes em desvalidas.

Nos últimos anos, as três maiores democracias do mundo, em termos populacionais (a Índia, os Estados Unidos e o Brasil), foram governadas por presidentes de extrema direita, Modi, Trump e Bolsonaro; respectivamente, os processos eleitorais sofreram interferência das novas tecnologias (Mulhall, 2022).

Vários autores concordam que há em curso, uma crise da democracia e uma crise política, (Castells, 2018), Fraiser (2024), Morozov (2018), Zuboff (2020) e Han (2022) coadunam que há um descompasso da percepção dos cidadãos das necessidades sociais e o que os governos têm realizado



concretamente. O problema, é que há uma estratégia política de estabelecer uma outra realidade, com revisões históricas, notícias falsas (fake news) e campanhas de desinformação. Uma propensão à agnotologia (do grego *gnosis*, "ignorância", e *logia*, "estudo") que pode causar uma dissonância cognitiva coletiva.

Rocha (2024) afirma que o Brasil é um laboratório mundial de criação metódica de realidade paralela. E a extrema direita tem promovido no plano da política a despolitização do debate público para implementar um projeto político totalitário pela eliminação do outro, essa dissonância opera pela midiosfera extremista, em que as redes sociais são essenciais:

Trata-se de trazer para o campo da política o alto nível de engajamento das redes sociais, Ora, qual é a finalidade da eterna guerra cultural da extrema direita? Não é mudar o voto do campo adversário! Estão preocupados unicamente em aumentar sua presença nas redes sociais, com conteúdo abjeto, absurdo, pois essa presença pode se materializar em votos, capturando o campo dos indecisos. Quando isso acontece de forma vertiginosa? Na véspera das eleições, faltando poucos dias. A dissonância cognitiva coletiva é uma temível máquina eleitoral pela transferência para a política da alta intensidade de engajamento das redes sociais. É um engajamento em torno da desinformação e de teorias conspiratórias. Rocha (2024, p.153-154).

Neste universo das redes, de IA e dos algoritmos, essa crise da democracia liberal ganha tração, de forma que a construção da realidade e dos comportamentos depende das redes sociais, instrumentalizadas em algoritmos modulados pelas corporações de tecnologia por meio das IAs. Desta crise, ocorreu uma ruptura no modelo político de representação e governança, em que a forma de se fazer política tradicional deixou de se representar por grande parte do eleitorado, as Big Techs criaram uma arena pública digital (Castells, 2018).

Da aliança da extrema direita e as das Big Techs, uma cena marcante aconteceu na posse de Trump para Casa Branca em 20 de janeiro de 2025. Sete chefões também chamados de “The magnificent 7” (os 7 magníficos) prestigiaram a cerimônia sentados na segunda fileira, atrás apenas da família Trump, autoridades dos EUA e de chefes de estado, Elon Musk (Tesla, Space X, X e depois ministro de Trump), Mark Zuckerberg (Meta), Jeff Bezos (Amazon), Sundar Pichai (Google), Tim Cook (Apple), Shou Zi Chew (TikTok) e Sam Altman (OpenAI). A união entre a extrema direita mundial e as Big Techs antes velada, agora é explícita a todos, Elon Musk foi nomeado chefe do Departamento de "Eficiência Governamental" dos EUA, apelidado de "DOGE" dentro do gabinete presidencial com acesso aos dados de todo o governo.

Musk agora não mede esforços para o projeto de poder das Big Techs, o que antes eram doações milionárias para campanhas, pequenos acenos a candidatos extremistas e uso de sua rede X; o homem mais rico do mundo, segundo a revista Forbes, agora manda mensagens diretas e estridentes para intimidar países adversários e apoiar a extrema direita. Com o patrimônio de mais de 400 bilhões de dólares, conforme a revista Forbes, o secretário de Trump pode dialogar no mesmo nível de chefes de estado.



De acordo com Fitzgerald (2021), a extrema direita em seu anacronismo revisionista e antiliberal maquiou-se para obter o apoio do mercado:

Como Trump, Bolsonaro era um protecionista, um defensor das tarifas comerciais e tinha a abordagem "meu país primeiro" nos negócios. Pelo menos, foi até tomar posse. Apenas semanas depois de sua administração, Bolsonaro tornou-se um liberal econômico que renasceu novamente, abraçando comércio livre, cortes nos impostos corporativos e privatização da propriedade do estado de empresas petrolíferas e de serviços públicos, Petrobras e Eletrobras, bem como o banco estatal, Banco do Brasil. Enquanto isto contradizia completamente as antigas crenças de Bolsonaro, harmonizava perfeitamente com os desejos da bancada ruralista e de seus parceiros comerciais nos EUA, como as gigantescas corporações de processamento de alimentos e transporte Cargill, Bunge e ADM. Fitzgerald (2021, p. 156).

Han (2023) reflete que diferente do Grande Irmão de 1984, as Big Data (conjuntos de dados grandes, diversos e complexos, que crescem rapidamente) não esquecem ou deixam passar nada, por esse motivo o panóptico digital é mais eficaz do que o benthaminiano, como ocorre nas eleições:

Nas eleições norte-americanas, *big data* e *data-mi-ning* de dados se revelam, de fato, o ovo de Colombo. Os candidatos têm uma visão em 360° dos eleitores. Gigantescas quantidades de dados de diferentes fontes são coletadas, na verdade compradas e conectadas entre si, para que possam produzir perfis eleitorais bem definidos. Com isso, também se adquire uma visão da vida privada e mesmo da psique dos eleitores. O *micro-targeting* é aplicado para abordar os eleitores com mensagens direcionadas e personalizadas, e assim influenciá-los. O *micro-targeting*, como prática da microfísica do poder, é uma *psicopolítica movida por dados*. Os algoritmos inteligentes também permitem realizar prognósticos sobre o comportamento eleitoral e otimizar o discurso. Os discursos eleitorais individualmente adaptados não diferem muito das propagandas personalizadas. Cada vez mais, votar e comprar, Estado e mercado, cidadão e consumidor se assemelham. Han (2023, p.72). grifos do autor

Nesse cenário de instabilidade, movimentos políticos extremistas crescem paulatinamente na Europa. Nos parlamentos, candidatos da direita radical ganham assentos, fragilizando democracias, conforme Löwy (2015, p.652-653):

por quase todo continente europeu vemos o espetacular levantamento da extrema-direita. O fenômeno não encontra precedentes desde os anos 1930. Em muitos países, a direita xenófoba já havia obtido entre 10% e 20% dos votos durante a última década; em 2014, em três países (Reino Unido, Dinamarca, França) alcançaram de 25% a 30%. Além disso, sua influência é maior do que o seu próprio eleitorado: suas ideias contaminam também a direita "clássica" e até parte da esquerda social neoliberal.

É a primeira vez, desde o início do século XX, que movimentos políticos extremistas alcançam influência na Europa com ideais de oposição à globalização, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes, ciganos, islamofobia e anticomunismo. Pedem também um retorno autoritário contra a “insegurança”, com maior repressão policial, aumento de penas de prisão e do retorno da pena de morte, Löwy (2015).

Extrema direita se internacionalizou como movimento social, se readequando com as novas necessidades do capitalismo, a desregulação de órgãos do Estado, dismantelamento das normas estatais fronteiriças e dos direitos sociais e trabalhistas conquistados no último século, características



que se encaixaram as novas necessidades do mercado. A extrema direita quando ascende ao poder fagocita a direita tolerante, canibalizando essa direita, e desequilibrando as forças políticas nacionais no espectro nacional enfraquecendo as instituições democráticas.

Segundo Fitzgerald (2021) candidatos a cargos máximos são alçados como *outsiders*, mascaram que não estejam no jogo da política e que por fórmulas mágicas, mudarão o país. Trump, Modi, Zelensky e Bolsonaro foram eleitos com esse discurso, e utilizaram-se das redes sociais, da desinformação e não apresentaram propostas concretas para governar seus países.

Conforme Löwy (2015) o processo de hegemonia neoliberal do capital financeiro culminou numa crise econômica que, desde 2008, tem desestruturado a Europa, e favoreceu mais a extrema direita do que a esquerda radical. O que pode levar as pessoas a uma “nostalgia” de um passado em que as coisas pareciam ser determinadas e lineares. Essa nostalgia agiria como um mecanismo de defesa, de desejar reconstruir uma sociedade ideal, manter privilégios de raça, classe e gênero. A extrema direita proporciona isso, tem um projeto de futuro de volta ao passado.

Assim, a IA é uma ferramenta do poder privado de grandes empresas capitalistas que detém controle de dados brutos, políticas de uso e com pouca regulamentação. O uso de IA, sem o devido conhecimento acerca do funcionamento das tecnologias, pode contribuir para a consolidação de um controle político por meio de uma modulação de comportamentos dos eleitores que favorecem candidatos alinhados ao modo de produção capitalista vigente das big Techs.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de tipo qualitativa, de revisão bibliográfica, na perspectiva materialista histórico-dialética e crítica, correlaciona-se com a Inteligência Artificial, a democracia e a hegemonia das Big Techs. Conforme Behring e Boschetti (2010, p. 38) o método da crítica da economia política de Marx: “consiste em situar e analisar os fenômenos sociais em seu complexo e contraditório processo de produção e reprodução, determinado por múltiplas causas na perspectiva da totalidade como recurso heurístico e inseridos na totalidade concreta: a sociedade burguesa.”

4 RESULTADOS/DISSCUSSÕES

Porque utilizar teorias marxistas que buscavam explicar uma realidade anterior, que se direcionavam a uma sociedade industrial, conservadora e antagonica? Pelo simples motivo de que a formação social da produção das riquezas e da organização da sociedade atual, sentem um refluxo de ideias autoritárias e neoconservadoras nas relações sociais adentrando os campos de conhecimento e influenciando na constituição de sujeito dos indivíduos e das instituições.

Ao se retirar o véu que esconde as relações econômicas e sociais, o burguês está nu. É o velho liberalismo com roupagem de neoliberalismo, a velha estrutura industrial, militarizada, a sociedade



disciplinar agora como uma sociedade de controle, com modulação por algoritmo e manipulação por redes.

A crítica ao modelo econômico e político preponderante do capitalismo e liberalismo com bases epistemológicas no marxismo nunca foram tão atuais. A Superestrutura (Direito, Estado, Ideologias) e a Infraestrutura (unidade das forças produtivas com as relações de produção) continuam a toda visualização virtual nas redes, a todo movimento do dedo nas telas.

As IAs como estrutura da tecnologia, fornecedora de conforto que permitiria mais liberdade e tempo para as pessoas usufruírem de qualidade de vida, relações com familiares e amigos, transformou-se num apocalipse tecnológico, um paradoxo da exploração de dados e de tempo. Ao contrário, até o que vem se mostrando, as tecnologias de IA, têm maximizado o sofrimento das pessoas e fornecido ferramentas de controle social e de comportamento. Proporcionando manipulações de consumo e de orientações políticas interferindo nos processos eleitorais de países democráticos.

5 CONCLUSÃO

O artigo buscou apresentar algumas relações entre o uso da IA e a ameaça à democracia numa visão histórico-dialética, sem, contudo, esgotar ou encerrar a discussão. Os impactos do uso da IA ainda são imprevisíveis, mas a forma que se apresenta no arcabouço burguês, com uso de dados restritos a poucas corporações numa lógica capitalista excludente e sem vinculação ao interesse público, pode ter consequências desfavoráveis para os trabalhadores, a natureza e a justiça social. A IA deveria estar a serviço do progresso humano, gerar benesses sociais, melhorar as relações com o meio ambiente e propiciar a paz.

Se num primeiro momento as Big Techs se concentravam na coleta de dados com fins puramente econômicos de lucro, predição e venda de produtos e serviços; posteriormente perceberam que além de modular o comportamento humano para o consumo, poderiam também modular esse comportamento para fins políticos atuando para orientar decisões de escolha políticas favorecendo candidatos nas instâncias institucionais democráticas alinhado aos seus interesses.

Essas ingerências nas democracias nacionais proporcionou uma conveniente aliança entre forças autoritárias como a extrema direita e o grande capital das Big Techs. A partir daí esse casamento entre as corporações e tecnologia e a extrema direita se fez determinante para disseminar desinformação, notícias falsas e as estruturas que fortaleceram o crescimento dessa força política por meio das redes sociais.

As novas ferramentas de IA, com usos de *machine learning* e algoritmos, poderiam representar transformações positivas para as sociedades, para a consolidação da democracia, para o bem-estar das pessoas e para melhorias na governança dos países se tivesse um viés de interesse público.

O uso da IA deveria superar a dinâmica única de lucro, de acumulação de dados, do poder e



modulações políticas e de comportamentos que resvalam no arbítrio e no autoritarismo. Para um uso ético e engajado, uma política de progresso para a sociedade deve fortalecer as informações em benefício dos cidadãos e empoderar redes de solidariedade e participação social.



REFERÊNCIAS

- ATHUSSER, Lois. Sobre a reprodução. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. Política social: fundamentos e história. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BOULAY, Benedict du. Inteligência Artificial na Educação e Ética. RE@D – Revista de Educação a Distância e Elearning, v. 6, n. 1, p, 2023. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/32242. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRAND FINANCE. Brand /Finance Global 500. Brand Finance, 37p. fev, 2025.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede A era da informação: Economia, sociedade e Cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. 1ªed. Rio de Janeiro Zahar, 2018.
- FERNANDES, Florestan. A natureza sociológica da sociologia. São Paulo: Ática, 1980.
- FILGUEIRAS, Fernando. Machine Learning: evidências ou alquimia em políticas públicas no Brasil? Repositório do Conhecimento do IPEA, 2023a. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/13545>. Acesso em: 22 out. 2025.
- FRASER, Nancy. Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. tradução Aline Scatola – São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2024.
- FIZTGERALD, Ian. Estado Profundo: uma história de agendas secretas e de governos sombra/Tradução de Fabiano Flamínio. Brasil: Pé da Letra, 2021.
- HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Tradução Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas. Tradução Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução Maurício Liesen. 10ª ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.
- HARASIM, Linda. EDUCAÇÃO ONLINE E AS IMPLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, [S. l.], v. 24, n. 44, p. 25–39, 2015. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2015.v24.n44.p25-39. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/12091>. Acesso em: 8 mar. 2025.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HASTINGS, Max. Inferno: o mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- HOBSBAWM, Eric John. A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.



LÖWY, Michael. (2015). Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, p. 652-664, out/dez. <http://dx.doi.org/10.1590/010.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Nasseti. 1ª edição em 1848. São Paulo: Martin Claret, 2000.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018, 192p.

MULHALL, Joe. *Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial*. Tradução de Teresa Dias Carneiro. São Paulo: Leya Brasil, 2022.

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. *Texto Livre*, v. 16, p. e45997, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/45997>. Acesso em: 22 out. 2024.

SALMON, Felix. Giant earnings growth for the world's largest companies. *Axios*, [s. l.], 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.axios.com/2021/07/29/earnings-largest-companies-tech-giants>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SANFELICE, José Luís. Transformações no Estado-Nação e impactos na educação. In: LUCENA, Carlos (org.). *Capitalismo, Estado e educação*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BRAND FINANCE. *Global 500: The annual report on the most valuable and strongest global brands*. January 2025. London: Brand Finance, 2025. Disponível em <https://brandirectory.com/reports/global/2025> . Acesso em: 23 mai. 2025.

TRADING ECONOMICS. *Brazil*. 2025. Disponível em: [tradingeconomics.com](https://tradingeconomics.com/brazil). Acesso em: 11 mar. 2026.

TRADING ECONOMIC. *PIB-Lista de Países*. 2025 . Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/country-list/gdp> . Acesso em: 8 mar. 2025.

